

# INIÓS

SALIM MIGUEL



editora ufsc

nós

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Luiz Carlos Cancellier de Olivo (in memoriam)*

*Ubaldo Cesar Balthazar (pro tempore)*

Vice-Reitora

*Alacoque Lorenzini Erdmann*

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva

*Gleisy R. B. Fachin*

Conselho Editorial

*Gleisy R. B. Fachin (Presidente)*

*Aguinaldo Roberto Pinto*

*Ana Lice Brancher*

*Ana Paula de Oliveira Santana*

*Carlos Luiz Cardoso*

*Eliete Cibele Cipriano Vaz*

*Gestine Cássia Trindade*

*Katia Jakovljevic Pudla Wagner*

*Kátia Maheirie*

*Luis Alberto Gómez*

*Marilda Aparecida de Oliveira Effting*

*Mauri Furlan*

*Pedro Paulo de Andrade Júnior*

*Sandra Regina Souza Teixeira de Carvalho*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

[editora@contato.ufsc.br](mailto:editora@contato.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

# nós

SALIM MIGUEL

2ª reimpressão

© 2015 Editora da UFSC

Coordenação editorial:  
*Paulo Roberto da Silva*

Capa:  
*Leonardo Gomes da Silva*

Editoração:  
*Tais Andrade Massaro*

Revisão:  
*Júlia Crochemore Restrepo*

Ficha Catalográfica  
(Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina)

---

M634n Miguel, Salim

Nós / Salim Miguel. – 1. ed. 2. reimp. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2018.  
85 p.

ISBN: 978-85-328-0714-4

1. Romance. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura catarinense. II. Título.

CDU: 869.0(816.4)

---



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

*Alguém deve rever, escrever e assinar os  
autos do Passado antes que o Tempo passe  
tudo a raso.*

*Cora Coralina, Ao Leitor*



Para Eglê e nossos filhos essa minha incursão no  
terreno policial.





Meus sinceros agradecimentos ao professor  
Fábio Lopes, diretor de Editora da UFSC, e à professora  
Luciana Rassier, sem cujo empenho e dedicação este  
livro continuaria na gaveta.



# Sumário

Apresentação	13
Eu	17
Tu	21
Ela	39
Um Outro	43
Ele	49
Ninguém	59
Nós	65
Apêndice	81



# Apresentação

## Nós e enigmas de Salim Miguel

Nós, leitores de Salim Miguel, somos, incontestavelmente, privilegiados. O Mestre deleita-se em nos surpreender, e desta vez nos propõe uma novela policial que intriga e seduz. Um bilhete anônimo seguido de um telefonema lacônico. Um cidadão pacato oculta um assassino implacável. Um crime deixa a polícia e a mídia perplexas. Ninguém sabe. Ninguém viu. Mas, ao percorrermos as páginas, vamos

encontrando indícios esparsos: seis degraus, o detalhe de uma blusa, o salto de um sapato.

Com os gestos apurados de um artesão, Salim Miguel tece os fios de sua narrativa e faz o Acaso entremear destinos. Oriundos de diversos lugares do país, os personagens acabam em Brasília, envolvidos no crime: um milionário paraense, um rapaz catarinense, uma moça goiana, um alagoano candidato a vereador, um comissário de polícia paulista. A situação é confusa, o caso é intrincado. A vítima é-e-não-é quem se pensa. Como desfazer tantos nós?

A homenagem de Salim Miguel aos grandes mestres do gênero policial não está apenas na arquitetura da trama e nos recursos narrativos, mas também no auxílio solicitado a investigadores de primeira linha, como Sam Spade, Nero Wolfe, Philip Marlowe, Ellery Queen, o Padre Brown e o Inspetor Maigret. É a eles que recorre Auguste Dupin, parceiro do personagem-narrador para, entre cálices de *bourbon* e goles de cachaça, desvendar o mistério e interrogar os suspeitos.

Na obra de mais de trinta títulos que Salim Miguel vem construindo desde seu primeiro romance em 1951, podemos aproximar *Nós* de *As várias faces* (1994) e *As confissões prematuras* (1998) – novelas que, a partir do roubo de um quadro e de um sequestro, colocam em cena interrogatórios e confrontos entre personagens. Além dessas afinidades mais específicas de gênero e de temática, *Nós* traz marcas recorrentes na escrita de Salim, como a alusão a suas leituras prediletas ou ainda a figura de um

personagem-narrador-autor impotente face à página quase branca e a personagens que teimam em tomar as rédeas do próprio destino. Outras marcas são o arrojo na forma; a habilidade na fragmentação e em sua articulação; as vozes plurais que multiplicam os pontos de vista para compor um texto que transforma o leitor em coautor.

Em *Nós*, o escritor líbano-catarinense segue fiel a duas outras características de seu projeto literário. Por um lado, compraz-se em recriar ficcionalmente a cidade onde vive. Assim, se até então suas narrativas se ambientavam predominantemente em Biguaçu, em Florianópolis e no Rio de Janeiro, os personagens de *Nós* convergem para Brasília, onde Salim Miguel e sua companheira de vida e de literatura, Eglê Malheiros, moram desde 2014. Por outro lado, o Mestre urde seu texto com as dores, incoerências, alegrias e dúvidas inerentes a todo ser humano, lembrando que cada um de nós tem a chance e a responsabilidade de (re)escrever sua própria história e de decifrar seus próprios enigmas.

É essa instigante narrativa inédita que a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina publica em homenagem aos 91 anos de Salim Miguel, que a dirigiu de 1983 a 1991, dotando-a de estrutura profissional e do prédio que ocupa até hoje e tornando-a um dos principais agentes da criação da Associação Brasileira de Editoras Universitárias.

Luciana Wrege Rassier





# Eu

Na mata virgem o casebre me acolhe. Noite e dia se fundem, eu me confundo. É o breu, escuridão perene. Exagero? Sei não! Sei sim: exagero. Uma difusa luminosidade se infiltra por janelas e frinchas. Dura pouco. Aperto um botão, a luz elétrica agride o ambiente. A selva selvagem me fascina. A selva selvagem me intimida. Pingos de sol costumam a aparecer. Estrela e lua inexistem. O amanhecer e o anoitecer são ponteados pelo gorjeio dos pássaros: curió, corruíra, sabiá, canarinho-

da-terra, pomba-rola, em especial o bem-te-vi, que depois de três toques, se não recebe resposta, mostra-se irritado. Também, já entrevi biguá e garça, significa que pelas imediações existe água, contudo mais frequente é a presença de gavião, urubu, gralha-azul. Ontem, anteontem, trasantontem me apareceram na janela, bisbilhotando, um periquito e um papagaio, o periquito, mais arisco, o papagaio, mais curioso. Perguntei: deseja alguma coisa? Retrucou: saber como esse bicho veio parar aqui, pode me informar? Pensei um tanto antes de responder: e eu sei? Eu também não sei por que estou aqui. O papagaio pareceu rir: então, tente saber e me informe: voltarei. O casebre é sitiado por alguns animais, capivara, onça, lontra, porco-espinho, anta, lobo-guará, bugio, por vezes até jacarés e jararacas. Mesmo que me esforce, não consigo, espremendo a memória, saber quanto tempo faz que estou aqui, de que maneira vim parar aqui. Fugi? Quis me acautelar? Escapar de um trauma? Tudo é indefinido. De repente, alço voo, vejo, de bem perto, o verde matizado das árvores, à medida que subo tudo se transforma em um ponto nebuloso. Não sei se quero ou se posso ir para algum lugar. Que lugar? Sem me dar conta, estou sentado na cadeira de palhinha trançada, ao mesmo tempo sou eu e não sou eu, outros seres me povoam. O que fazem, ocupando meu lugar? Ou teria sido eu a buscá-los? Não falam, não murmuram, não sussurram, não se deixam entrever, apenas suponho-os por ali.

Levanto, debruço-me à janela, nada enxergo, porém faço questão de permanecer onde estou. O casebre de madeira não chega a ter quarenta metros: sala, quarto, banheiro, cozinha. Na sala um sofá-cama, pequena mesa, três cadeiras, um armário, uma estante, duas gravuras, Goeldi e Carlos Scliar, e uma única fotografia na parede lateral do lado esquerdo, inidentificável, na estante, duas revistas antigas, “Mistério Magazine” e “Novela”, uns quinze livros, todos muito manuseados, para os quais olho agora, e cinco minutos depois já não lembro quais os autores e quais os títulos; na cozinha, um fogão a lenha, ao lado uma pia com uma torneira, um armário com pratos, copos, talheres, minúscula janela do lado contrário ao da janela da sala, pequena mesa e quatro cadeiras, na parede um calendário não sei se deste, se do ano passado, se de quantos anos atrás; no banheiro um bacio, outra pia, um chuveiro, uma arca para as roupas usadas, no alto um basculante. Fico pensando a razão pela qual olho e reolho, citando tudo isso que já cansei de ver. Certamente é para não fazer o que preciso: forçar minha memória.

O passado conflituoso me aflige. O futuro insondável me inquieta. E o presente, me pergunto, ora ora, o presente já passou.



# Tu

Ofegante, respiração opressa, não acostumado àquela secura, apertas o botão acionando o ar-condicionado central, outro ilumina a sala, avanças uns passos, recuas, ias deixando a porta do apartamento semiaberta, fechas, botas a tranca eletrônica, agora sim, vais retirando a camisa que deixas na porta do banheiro, tiras o sapato, as meias, a calça, a cueca, tudo atirado no chão, ligas o chuveiro, ficas ali não sabes quanto, vinte minutos, meia hora, é preciso para que o suor grudado ao corpo se esvaia, a respiração aos poucos

se normalize, saís do chuveiro, ficas te enxugando por uns cinco minutos, passas um desodorante, jogas na cesta de roupa suja camisa, cueca e meia, levas para o quarto sapato e calça, te estiras na cama, não queres dormir, porém precisas ficar ali por alguns momentos, quando te dá conta, havias dormido quase uma hora, saís para a sala, a mesma surpresa, misto de irritação, te toma, não podes aceitar a perfeição daquela sala, nem do quarto, nem do banheiro, com certeza foi um decorador dos mais prestigiados ou um arquiteto de interiores, tudo previamente examinado e definido, pra que tudo aquilo, te interrogas: na parede que dá para o corredor, dois quadros, um do Di Cavalcanti, outro do Martinho de Haro, no lado à direita da porta, um retrato, na sala, um sofá, quatro cadeiras, por entre as cadeiras um pufe, perto da janela envidraçada pequena mesa, outra cadeira, na parede que dá para o banheiro uma estante sustentada por dois armários, nos armários objetos de uso desconhecido, na prateleira encostada aos armários, espaço para jornais e revistas, são várias, porém duas se destacam: revista “Nova”, de São Paulo, de 1930, e “BBB”, do Rio, 1958, também duas revistas recentes: “Carta Capital” e “Caros Amigos”, de São Paulo, até aí tudo bem. O que não consegues aceitar é a maneira como os livros se encontram na estante, não estão em ordem alfabética pelo sobrenome ou pelo prenome, não estão pelo título. Mais uma vez, olhas para os que se encontram à altura da tua visão, o primeiro, da esquerda para a direita, é “Vinte mil léguas submarinas”, de Júlio Verne, a seguir, “Crítica

da razão pura”, de Kant, o terceiro, “Os três mosqueteiros”, de Alexandre Dumas, o quarto, “As dores do mundo”, de Schopenhauer, seguem-se “Geração do deserto”, Guido Wilmar Sassi, “A origem das espécies”, Darwin, “Últimos sonetos”, de Cruz e Sousa, ainda “O escritor e seus fantasmas”, de Ernesto Sábato, “Diálogos com a América Latina”, de Gunter Lorenz, “O vermelho e o negro”, de Stendhal, “Berlin Alexanderplatz”, de Alfred Döblin, “Niels Lyhne”, de Jacobsen, “Kaputt”, de Curzio Malaparte, “Paradiso”, de José Lezama Lima, e “Buridan, ou os mistérios da Torre de Nésle”, de Michel Zevaco... desistes. Desde o dia em que entraste no apartamento observas, a lógica é que todos os livros sejam da mesma altura, mais como enfeite, pouco importando o conteúdo dos mesmos, ou te equivocas, foram manuseados, podem ter sido lidos. Contudo, existem incongruências: na prateleira acima, apenas autores policiais: Dashiell Hammett, Raymond Chandler, Chesterton, Ellery Queen, Simenon, Ed McBain, Rex Stout, James McCain, Horace McCoy, Luiz Lopes Coelho, Patricia Highsmith, George Pelecanos, Joe Gores, Lawrence Block, Arturo Pérez-Reverte, Edgar Allan Poe... já havias cheirado todos os livros. A curiosidade, ah, a curiosidade, move o mundo. Te levantas, vais até à estante, o título do “Reverte” te provoca, tem o nome que é o mesmo do autor de “Os três mosqueteiros”: Dumas – puxas, abres, lês o primeiro trecho, o homem pendendo enforcado te repulsa, nada lembra o livro de Dumas, já o primeiro capítulo sim, é o manuscrito de “Os três mosqueteiros”.



Muito embora a contragosto, resolves não apenas cheirar, o que já fizeste, mas enfrentar o desafio daquele instigante livro. Te deparas também com discos de música brasileira: Donga, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho, Cartola, Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Sílvio Caldas, Cyro Monteiro... mas há espaço para outros: Lalo Schifrin, Astor Piazzolla, Miles Davis, George Gershwin, Erik Satie, Bach, Beethoven, Villa-Lobos, Edino Krieger, Vivaldi, Mozart, Rodrigo, Ravel, Bela Bartók. Um pequeno espaço: Louis Armstrong, Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Duke Ellington. E só.

Estás com sede, vais até a cozinha, e a mesma perfeição te irrita, abres a geladeira, tomas três copos de água gelada, voltas até a sala, abres a porta que dá para uma pequena varanda, a secura te agride de uma forma tão violenta que ficas tonto, porém permaneces ali uns minutos naquele sétimo andar, observando a cidade cenográfica, prédios se multiplicando, carros e mais carros pelas ruas, um ou outro ônibus, absolutamente nenhuma pessoa.

Pensas: por que aceitei o convite, meu salário não dá nem para pagar o condomínio, no entanto, não pago absolutamente nada, tenho tudo, até comida, e a faxineira que uma vez por semana vem dar um jeito na minha bagunça, vai para um ano que estou aqui, e sempre me surpreendo com a maneira pela qual acabei substituindo a pensãozinha por esse suntuoso apar... pensas, és obcecado pelo acaso, e o acaso é responsável pelo que te ocorreu a partir do dia em que estavas na praia da Joaquina assistindo a uma disputa de

surfe, nunca tiveste coragem para enfrentar aquelas ondas violentas, embora, com a imaginação, já tenhas incontáveis vezes surfado, e até ganho alguns prêmios. É a partir deste momento que o acaso começa a te provocar:

1. Alguém tropeça, cai, geme, exclama com dificuldade, “me parece luxação no tornozelo, eu ia até mais adiante, não tenho como, posso me estirar a seu lado?” “poder pode, a praia não é minha, e tem espaço.” “grato, você é daqui?” “ser, sou, por quê?” “por seu sotaque, vê que o meu é diferente.” “e tu, é donde?” “venho lá das securas, adoro surfe, e queria conhecer a chamada ilha da magia e do fantástico.” “besteira, inventaram essa novidade pra acabar com a minha tão gostosa ilha.” – “Mas eu li até livros, que falam das bruxas, do que tem de fantástico por essas bandas.” “Repito: besteira. Invenção. Outro dia, fazendo entrega de remédios para uma professora, falei nisso, naquela história de casal que tem sete filhas, a sétima se transforma em bruxa, ela disse, ‘meu filho, nesse mundo existem fantasias de todo tamanho, esta é uma delas, a sugestão pode muito’” “que sugestão?” “Ela disse: em noite de lua cheia, se eu estou ao lado de uma pessoa sugestionável e digo, ‘veja ali’, aponto para o céu, ‘olhe, vai passando uma bruxa com três bruxinhas’, se a pessoa é sugestionável, está logo vendo a bruxa e as três bruxinhas, e o boca a boca faz com que essa fantástica besteira vá se difundindo e difundindo...”

2. Há um silêncio. Se observam, não sabem prosseguir, o Você puxa do bolso, põe na boca, acende antes de perguntar, “vai num baseado?”, o Tu, “grato.” “por quê?” “provei tudo, não me dei bem.” “Você devia ter insistido.” “Tu devias ter desistido.” “desistir tentei, mas fui pra outras, LSD, haxixe, cocaína, crack.” “poxa, e você ainda está aí inteirinho, milagre.” “não sei, também desisti de tudo, menos disso que tenho na boca.”

3. “Tem um barzinho aí por perto?” “ter tem.” “vamos até lá beliscar alguma coisa? Você me ajuda?” “ajudar, ajudo. Vamos, fica pertinho” “depois, dou uma carona, levo você até onde mora.” “brigadinho, tenho a minha motocicleta.”

4. Sentam no bar, o Você pede uma cerveja, pergunta: “um ou dois copos?” “dois copos, dessa não me libertei.” O Você diz: “qual o prato típico dessas bandas?” “típico não sei, mas tem umas coisas bem gostosas: casquinha ou bolinho de siri, ostra, fritada de camarão, que hoje desapareceu substituída pela pretensiosa omelete, o que preferes?” “vamos ficar na casquinha de siri e nas ostras cruas.” Pedem uns beliscos, emendam um papo que se prolonga, agora sim, conversa flui, cada um fala um pouco de si, do que faz ou não faz, e antes de se despedirem, o Você te dá um cartão, enquanto vai dizendo: “lhe agradeço pela ajuda e pelo papo, sem sair desta mesa fiquei conhecendo um pouco da ilha, agora você é que precisa ir conhecer minha terra, indo lá, me procure, até mais ver.” “até.”

Outra vez o acaso, agora os acasos e os acontecimentos se aceleram e sucedem:

1. Sempre gostaste não de ler, mas de livros, manuseá-los, cheirá-los, seja o cheiro do livro chegado da gráfica, seja o mofo de um que se encontra há dezenas de anos num cantinho da estante. Daniel e Eduardo, da Livros & Livros, te conheciam, ao entrar iam perguntando, onde estão os livros recém-chegados, pegavas o primeiro, botavas o nariz na capa, no miolo, sentir um tiquinho do cheiro da tinta, também, mais do que nome de autores, os títulos: “Vidas secas”, “Macunaíma”, “O sabor da fome”, “Samarcanda”. Não bastava, também iam com frequência ao Sebo da Ivete, na Rua João Pinto, chafurdavas por entre aquele amontoado de títulos, em busca dos mais antigos, um “Canaã”, do Graça Aranha, 1902, um “Mares e campos”, do Virgílio Várzea, 1894, a primeira edição de “Angústia”, de Graciliano Ramos, encadernada, não só cheirando a mofo, mas também com páginas comidas pelo cupim, isso te excitava.

Estás passando em frente a uma livraria, é uma das raras que ainda sobrevivem, pois a absoluta maioria se refugia em *shopping center*, ali são duas pequenas portas, entras, é um misto de livraria e sebo, o dono está sentado lendo, necessitas chamar a atenção, descontente com a interrupção, pergunta, “o senhor quer alguma coisa?” “querer não sei se quero, mas como gosto de livros, resolvi dar uma bispada.” “vai dando e me deixa ler em paz. sou um leitor compulsivo, estou na semana dos policiais, e

minhas duas últimas leituras, veja a coincidência, em uma, de autoria de Joe Gores, um escritor tem que interromper o livro que estava escrevendo e volta a ser detetive, na outra, de Lawrence Block, um livreiro é envolvido em uma trama e, para se livrar, acaba se transformando em detetive. quero ver como termina essa história.”

Primeiro percorreste a livraria, havia um pouco de tudo, com uma certa ordem, ficção, poesia, biografia, história, filosofia, política, cada qual em uma estante, tendo, para facilitar, bem nítido cada gênero; foste dar uma olhada no pequeno espaço dedicado ao sebo, ali, é claro, não havia nenhuma ordem, a pessoa era obrigada a puxar do chão ou de cima de mesa livro por livro, passaste ali cerca de duas horas, quando voltaste para te despedir, o dono da livraria te olhou, disse: “terminamos juntos, eu a leitura, tu de bisbilhotar os livros. Parece que você gosta de ler”, tua resposta foi direta, “Não. Gosto de livro, quase não leio, me amarro no cheiro do livro recém-saído da gráfica, ou daquele que passou anos e anos mofando no canto de uma biblioteca.” “já dissesse isto, estás repetindo de propósito?” “pode ser.” “posso lhe fazer uma pergunta?” “faça duas ou três.” “somos um o reverso do outro: você gosta de livros, mas não gosta de ler, eu gosto de ler, mas estou cansado de cuidar de livros. Trabalhar em livraria é o lugar perfeito para você, tinha um rapaz que me ajudava, desistiu, quem sabe você pode substituí-lo?” “quem sabe!” “pago dois salários mínimos, de segunda a sábado, das oito às vinte horas, e dependendo da quantia de venda, pode ter algum

acréscimo.” Aceitaste. O homem acrescentou: “já estou aposentado, tenho um sítio em Alto Paraíso, vou para lá com minha mulher, não quero ser incomodado, a livraria fica por tua conta, pode ser que de vez em quando eu apareça por aqui, para ver como vão as coisas, trazer livros que já li e pegar outros”.

Logo te adaptaste, a freguesia não era muita, e teu tempo se consumiu em cheirar os livros e por vezes até folhear, ler uma linha, uma página ou outra, jamais o livro inteiro.

No entardecer modorrento, de secura insuportável, o ventilador de teto quase não ajuda. Apenas seis pessoas tiveram coragem de aparecer, metade saiu como entrou, uma comprou “O peixe de Amarna” de Cícero Sandroni, outra vasculhou o sebo até encontrar “Os sete mistérios da casa queimada” de Guido Wilmar Sassi, o terceiro, também no sebo descobriu “Avalovara” de Osman Lins, e antes de pagar esbravejou: “não consigo entender nossos professores e nossos críticos: só sabem citar ‘Grande Sertão: Veredas’ e ‘A hora da estrela’, pois se ainda não leste, peço que o faças com urgência, o livro do Osman Lins é igual ou melhor que o desses dois ícones”. O noticiário que tu escutas só fala em crianças e velhos com dificuldade de respirar, há uma pausa, agora tu comesças a te sentir melhor ouvindo “Carinhoso” de Pixinguinha, tanto o instrumental quanto o vocal te emocionam, sem querer recuas até um passado que nada tem de carinhoso:

Clara manhã de céu azul, pintalgada de nuvens que vão de um lado para o outro, acompanhando o forte vento sul,

tua mãe termina os arranjos da casa, vai começar a renda de bilro, lamenta não ter filha para continuar a tradição que lhe vem da mãe, veio também da mãe da mãe, já sobrinhas, primas e filhas de amigas não querem saber daquele trabalho difícil e pouco rendoso, preferem um emprego em *shopping*, em casas de comércio, algumas estudam. Do alto do poleiro, Chiquinho não sabe se toma água ou belisca o que tem à frente dele, se vai até a cozinha ou se sai para uma das árvores bem pertinho. Pacato procura uma sombra do lado de fora da casa, teu pai quer sair, está no defeso, durante quatro meses não pode pescar, os que têm carteira recebem um salário do governo complementado com miúdos serviços, pensa ir até o bar do Milas, ali pertinho, tomar uma pinga, bater papo com os demais pescadores e decidir se saem ou não para uma pelada, tu e Pingo estão num tronco perto da pitangueira, atiras longe uma pitanga sumarenta e pedes “pega, Pingo, pega”, o bichinho vai, não tem como pegar uma, bota várias com um pouco de barro na boca, volta e deposita em tuas mãos. Estás tão distraído que custas a perceber as fortes palmas, fixas os olhos, é outra vez aquele homem de terno, só que agora vem acompanhado de um policial, palmas mais fortes, até que teu pai abre a porta e sem ao menos cumprimentar, o homem vai dizendo “estão aqui os papéis”, teu pai retruca “que papéis”, a voz mais alta e agressiva, “que papéis? os papéis comprovando que a terra é minha, vem de meus avós, meus pais morreram, meus irmãos não sei onde se encontram, eu estive servindo ao governo alguns anos

no exterior, já te disse isso mais de uma vez, volto e te encontro na minha terra?” teu pai dá a resposta das três vezes anteriores “mas, doutor, eu comprei essas terras, já mostrei para o senhor os papéis”, “teus papéis não valem nada, foste ludibriado”, e teu pai mal sabe o significado da palavra, “mas doutor, eu comprei, foi passado tudo direitinho no cartório”, “que cartório, tudo empulhação, por que não compareceste pra reunião na justiça, foi lá que tudo ficou esclarecido, eu podia simplesmente te expulsar agora daqui, mas não é este meu feitio, sou um homem de bem”. O homem puxa do bolso outros papéis, estende a mão mostrando-os, diz “tenho aqui esta escritura, estou te passando uma terra um pouco menor, que tenho no Morro do Horácio, lá no Centro, e fiz mais, consegui com a prefeitura dois caminhões e três homens, vi que essa tua casa de madeira é pré-fabricada, fácil de desmontar e montar, eles virão aqui, tens quinze dias para remover tudo e levar para o morro, lá a terra já está preparada, é só montar a casa, os homens têm autorização para te ajudar”. Teu pai retruca “mas doutor, eu preciso morar perto da praia, só sei pescar, o que vou fazer por lá?” “Isso é problema teu, podes arranjar outro trabalho ou de lá te deslocar, continuar pescando por aqui.” No teu pai, o sinal de irritação, o rosto tenso, não sabe se avança para o homem ou se berra, tua mãe que chegou até a porta tenta acalmá-lo, mal consegue, o desejo dele é avançar até o homem e esganá-lo, a custo se contém, e só consegue dizer “mas doutor...” “não tem doutor, nem mais nem menos doutor,



é pegar ou largar, tenho autorização, posso até tocar fogo nesta casa, o policial veio como testemunha”, mais do que tu, Pingo está tenso, tens que segurá-lo pelo pescoço, por duas vezes forçou para se livrar, late uns latidos raivosos, não aqueles tão agradáveis, te distraís por um momento, ele se solta, corre até a perna do homem, parece mordê-lo, o homem afasta-o com um forte chute na cabeça, o bichinho é teimoso, porém, antes que chegue de novo até o tal “dono”, dois tiros e sem ao menos sentir o impacto, está morto, o sangue escorre na grama, tu, sem conseguir te mexer, nem percebes as pitangas atulhando teus cabelos, teu rosto, teu pescoço, teus braços, instintivamente, atiras duas que estão em tuas mãos e gritas, Pingo, pega.

## 2. O caso de Pingo

Estás enganchado nas costas de teu pai. Tens quatro anos, gostas de assistir à brincadeira do boi de mamão, temes a Bernúncia, bicho que engole crianças, torces para que o laçador em seu cavaleiro logo lace o boi e saia, ficas à espera da Maricota-Maricotinha nos seus mais de três metros de altura, dançando naquele pátio rodeado de gente, os braços enormes chegando até às pessoas, sonhas sempre em pegar em um daqueles braços, teus pais também gostam do folguedo popular, e já não sabes quantas vezes, nos teus quatro anos, teu pai e tua mãe comentaram que tu só estás ali graças a uma fogueira de

São João, quando o rapaz pegou a moça antes que ela caísse na fogueira, e pouco depois se encontravam quando ela fugia da Bernúncia e caía nos braços dele. O Mateus passa o chapéu, pedindo uns trocados, e os músicos cantam a despedida “Vamo embora, minha gente. Bananera chorá, chorá. Pra lugar diferente, Bananera chorá, chorá”, teu pai quer ir tomar uma cervejinha, tua mãe alerta “tens que levantar de madrugada, a temporada da tainha não deu, quem sabe agora, agora estamos nos meses da anchova”, teu pai concorda, a casa não fica longe, mal dão os primeiros passos, tua mãe parece tropeçar em uma tábuia ou pedra, logo, mesmo naquele escuro, percebe que é um bichinho, continuam andando, o bichinho saltita na frente, atrás, entre as pernas deles, teu pai quer afastá-lo, chega a lhe dar um tranco, tua mãe reclama, deixa o bichinho em paz, e o bichinho em paz vai até a casa, entram, ele fica latindo na porta, sem parar, uns latidos que te puxam para ele, teu pai abre a porta, chuta-o de novo, pouco adianta, tranca a porta esperando que o bichinho se acalme, acalmar se acalma, quando de madrugada tua mãe abre a porta para que teu pai saia em busca da baleeira, pois esperam boa safra de anchova, o bichinho dorme bem na entrada da porta da casa. Teu pai pula por cima dele, pela manhã, tu e tua mãe ainda ali o encontram, não pensas duas vezes até dizer “mãe, vamos ficar com ele”, rápido, ela retruca, “será que teu pai vai aceitar, já temos o papagaio e o Pacato” “mãe, com o bichinho a família se completa”, a mãe concorda, diz “é, é, o Chiquinho, o Pacato...”, e ele, mais

que rápido, “mãe, a senhora quando tropeçou disse, é um pingo de cachorro, a gente pode chamar de Pingo?” “pode”, e Pingo ficou sendo. Chiquinho, que já aprendera umas três ou quatro palavras, a começar por pa-pa-gaio-eu ou Pa-ca-to ou me-ni-no, em pouco acrescentava Pin-go. Não foi fácil teu pai aceitar a inclusão, no entanto, não demorou para que insistisse, vocês se lembram, vocês não queriam, foi por minha causa que o Pingo acabou fazendo parte da família. Quando ias para a escola, ele te acompanhava, e não se satisfazia em ficar esperando em torno, por vezes entrava, se estirava perto da tua cadeira, e por fim até os outros alunos e a professora concordaram com aquela presença estranha, quem sabe qualquer dia ia acabar mais alfabetizado do que alguns dos alunos. Havia umas tábuas soltas no fundo da casa, de comum acordo teu pai acabou transformando em um pequeno abrigo para Pingo, tua mãe fez um pequeno colchão, deixava na frente uma bacia com água, a comida era dentro de casa, embaixo da mesa onde vocês comiam. Não foi sem surpresa que certo anoitecer Pingo apareceu acompanhado, como a casinhola tinha espaço, dormiu com a namorada, no dia seguinte, ela havia sumido, isto durou exatos oito anos.

3. Estavas dando uma ordem nos livros de ficção quando Ela entrou, te cumprimentou, chamou tua atenção não tanto pela beleza, porém por aquele charme tão pessoal, e foi logo perguntando, “será que eu encontro por aqui um livro que procurei nas modernas livrarias dos *shoppings*, e

nenhuma tinha?” “se não tinha por lá, mais difícil por aqui, em todo caso não custa perguntar, e você já perguntou, só não disse o nome do autor.” “não é autor, é autora, Cora Coralina, qualquer livro dela.” “temos que procurar, como vê, não existe aqui computador, o dono é contra, e quem sou eu para discordar.” Procuraram, e não é que apareceu um? “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”. “Nossa, que bom, é o primeiro livro da Cora, publicado quando ela tinha mais de setenta anos, vê só esse trechinho: ‘este livro foi escrito por uma mulher / que no tarde da Vida / recria e poetiza sua própria / Vida’; mais outro: ‘Mãos tenazes e obtusas / feridas na remoção de pedras e tropeços / quebrando as arestas da vida’, vou levar, quanto custa?” “Se me explicar quem é Cora Coralina e o porquê de precisar do livro, não vai custar nada.” “Não vale, mesmo porque eu levaria muito tempo explicando.” “Dispomos de todo o tempo do mundo.” “Resumo, sou de Goiás Velho, minha mãe, que é ceramista, conheceu Cora Coralina, foram vizinhas, em duas casas perto do rio, é isto.” “Pra mim não basta, quem sabe marcamos um encontro e você me fala mais dessa tal Coralina, e por que de Goiás Velho vieste parar aqui.” “Quem sabe!”

4. A primeira frase que escutaste foi “você por aqui, não me telefonou?” Viraste a cabeça, estavas agora organizando os livros biográficos, não reconheceste de imediato quem fizera a pergunta. O Você percebeu, repetiu, “por que não me telefonou, ou será que não se lembra mais de nosso

encontro na praia da Joaquina?” Só então tua memória foi ativada, pediste desculpa e convidaste a entrar, entrou, olhou para os livros, demorou um tanto até perguntar, “o que você faz aqui?” “trabalho, ora!” “e onde você mora?” “numa pensãozinha em Guará” “que horas sais daqui?” “tá pertinho, oito” “vamos emendar nosso papo, me acompanha numa cerveja?” “até pode.”

Do papo surgiu um convite que começaste recusando, porém a insistência foi tamanha, e tudo era tão vantajoso que acabaste por aceitar, não terias, durante um ou dois anos, absolutamente qualquer despesa e estarias morando bem mais perto da livraria, só não tinhas a mínima ideia do tipo do tal apartamento.

Sentado perto da janela, observas os prédios do outro lado da rua, da mesma altura ou maiores que aquele onde te encontras. Luzes acendem, luzes apagam nos apartamentos, o movimento de carros continua intenso, olhas o relógio embutido na lateral da estante, tens ainda mais de uma hora, não entendes a razão, porém estás tenso, só existe um jeito de relaxar, ouvir música, música popular, não consegues te acertar com o *iPod*, apertas um botão no canto da mesinha e logo te chega, o orvalho vem caindo, vai molhar o meu chapéu, as estrelas vão surgindo, que bom se caísse pelo menos um orvalho nessa secura, e eu conseguisse enxergar uma única estrela. Os gritos, não incomuns, do apartamento ao lado interferem, o casal, que só encontraste duas ou três vezes no elevador, não tem meio

termo, ou se acariciam e gemem, ou gritam e se agridem, tentas interferir, e substituis Noel por Lupicínio, mas agora que somos casados, foi que tudo para nós mudou, antes tu me chamavas de amado, hoje até desgraçado eu já sou!

Olhas de novo o relógio, sem te dar conta o tempo passou, precisas te vestir, ver se chegas em tempo ao ponto de encontro, porém enquanto te vestes tua imaginação recua: nem tu nem teus pais conseguiam se acostumar à nova moradia, embora a casa fosse a mesma, só que em um terreno bem menor onde não havia a pitangueira, a bananeira, o mamoeiro, não havia o garapuvu. Na sombra da jabuticabeira teu pai tinha feito um assento parecido com o da outra casa, porém não te acostumaste a ele, tua mãe grudada no rádio e nos bilros tentava esquecer as vizinhas e amigas, teu pai, o chamado do mar, no entanto nem Chiquinho nem Pacato se acostumaram à nova moradia. Certo entardecer Chiquinho pousou no ombro de tua mãe, beliscou-a levemente na orelha, percorreu toda a casa, foi até Pacato, o bichano não queria conversa, te rodeou, na manhã seguinte havia desaparecido, procuraram em vão pela redondeza, não tardou para que Pacato também desaparecesse. Da mesma forma que a casa, a vida no tal morro do Horácio era e não era a mesma.

Estás saindo. Fechas a porta do apartamento e, com mais um giro da chave, é acionada do lado de dentro a tranca eletrônica. Sempre te repetes, curioso, estranho, lá no Morro do Horácio, ou até nas outras partes da ilha, as pessoas logo se conheciam, e pelo menos trocavam um

bom-dia, boa-tarde, estou para um ano neste apartamento, fui apresentado ao síndico, porém só conheço o zelador, um baiano bem falante, o vigia pernambucano, e um segurança entroncado, vindo da região de Laguna, é o único com quem por vezes paro e troco algumas palavras. É o que fazes agora.

# Ela

Acaba de arrumar a maleta, o essencial, dois vestidos, algumas calças, a maioria *jeans*, blusas, calcinhas e sutiã, meias e lenços, o sapato de salto alto, duas sandálias, sobra ainda algum espaço, vale a pena levar toalhas de rosto e de banho. Na mochila, objetos de uso pessoal. O dinheiro que leva dá para se segurar por algum tempo, até arranjar emprego ou uma bolsa de estudos, mesmo porque vai ficar na casa da prima. Já tirou passagem, deixou um bilhete, não quer se despedir da mãe, nem explicar os motivos da



fuga. Fica imaginando o sofrimento dela, infeliz mulher cujo primeiro marido foi assassinado durante a ditadura; o segundo foi o pai que a filha não chegou a conhecer, e o terceiro, o padrasto, por causa dele é que está se mandando. De seu pai biológico nem ela nem a mãe nunca mais tiveram notícias, embora tenha deixado uma casa razoável, numa rua de Goiás Velho, e dinheiro suficiente, além disso, a mãe é aposentada da prefeitura, mesmo tendo nascido quando a capital já havia sido transferida, nunca se conformara com o fato de aquela Goiás, hoje tombada como patrimônio da humanidade por sua arquitetura, não ser ainda a capital do estado.

Sem querer se dar conta do marido que tinha, a mãe passava horas trabalhando em cerâmica, era exímia, fazia desde peças de uso caseiro, como bilhas, jarras, a verdadeiras esculturas, figuras mitológicas, animais típicos de Goiás, até miniaturas, um bem-te-vi, uma lagartixa, até um ratinho, tudo com tal precisão que encantava os visitantes e os compradores, tornara-se conhecida, de início não vendia, presenteava amigos e conhecidos, mas, alertada por Cora Coralina, se deu conta, aquilo também podia lhe render uns trocados, em pouco tempo não eram apenas trocados, pois recebia encomendas que nem tinha como atender.

Bate na porta da prima, solteirona, quase cega, sempre vivera sozinha, agora acompanhada de um cão pastor, sabia administrar a casa, andar por toda ela como se tivesse visão perfeita, os pais e dois irmãos haviam morrido em

um desastre aéreo. Na casa, situada nas proximidades da Colina, perto da UnB, havia um quarto com banheiro, quase independente, ela já tinha passado uns dias ali, quando fora conhecer a capital, e tinha certeza que a prima não iria se opor.

Ela pretendia procurar ao mesmo tempo um emprego e fazer vestibular para o curso de História, o emprego custou, porém em meia dúzia de meses, apareceu, trabalhava meio expediente em um laboratório, mais difícil foi fazer o curso, tinha passado no Enem, mas as vagas haviam sido preenchidas, teve que esperar quase meio ano. No primeiro dia de aula, informou à professora que era de Goiás Velho, fora vizinha de Cora Coralina, de quem a outra jamais havia ouvido falar. Não adiantou insistir que pessoalmente não conhecera a poetisa, frisando, “era vizinha de minha mãe, as duas se davam muito, publicou o primeiro livro com mais de setenta anos”, a professora continuava duvidando da existência da poetisa.

Acabou de tomar banho, se perfuma, põe um vestido, não-não, melhor um *jeans* e uma blusa fina que lhe modelem o corpo, não devia, porém calça o sapato de salto alto, sai, não demora o ônibus, senta perto de uma janela, está tensa, apreensiva, excitada, as experiências de sexo que tivera haviam sido frustrantes, não condiziam com o que as amigas lhe falavam, nem com o que via nas novelas ou nas páginas de livros românticos, quem sabe... toca a sineta, pois ia passando do ponto combinado, o rapaz já a esperava, caminham um pouco, até uma kitinete, é um

quarto mal-iluminado, uma cama, mesinha, um banheiro, o rapaz trouxe uma garrafa de vinho, uns salgados, no entanto não é isso que querem, mal fecharam a porta, soltam as mãos e se abraçam, ouvindo-o dizer: sentemos na cama, sim-sim, o primeiro beijo pouco ou nada lhe diz, mas o rapaz deve ter experiência, vai acariciando-a, começa por lhe desabotoar a blusa, diz, vou diminuir a luz, vá tirando a roupa, e ele mesmo rapidamente se despe, estão de pé, se unem, ela pensa, preciso que dê certo, caminham em direção à cama, deitam lado a lado, as carícias aumentam, ela está mais tranquila, mais excitada, o rapaz sabe onde tocá-la e, pela primeira vez, o orgasmo a leva até um outro patamar. Ficam estirados, sem trocar uma palavra, sem se tocarem, o rapaz senta, abre a garrafa de vinho branco ainda gelada, pede que ela também se sente, batem as taças, se olham com carinho, os beijos começam pelos cabelos, vão aos olhos, à boca, à orelha, percorrem todo o corpo, ela está mais excitada, puxa-o para a cama, e sem se dar conta, já está de novo flutuando, repete e repete, vem-vem, que bom-que bom...

Saem. O rapaz sugere um bar tranquilo, não fica longe, acolhedor, só cabem cerca de quarenta pessoas, o serviço é bom, podem depois optar: de novo a kitinete, ou cada qual no rumo de suas casas.

São seis degraus, de mãos dadas começam a subir, estão em frente à porta principal.

# Um Outro

Jamais havia recebido proposta a fim de executar uma tarefa igual, nem parecida. Relutou, pediu tempo, não, é pegar ou largar. Pegou.

Estava em um barzinho, jogando conversa fora com amigos e conhecidos, resistindo à insistência para que se candidatasse a vereador, tinha, por suas posições e por seu crédito na comunidade, eleição garantida, só um obstáculo, não gostava de se envolver em política. Mais uma vez recusava, quando entra um *motoboy*, sem dizer uma palavra

lhe entrega o pequeno envelope, dobra, bota no bolsinho da camisa, alguém pergunta se não tinha curiosidade em saber o que era, retruca, é uma chatice.

Só mais tarde, longe do barzinho, abriu, havia meia dúzia de linhas impressas, certamente de computador, não trazia nem o nome dele nem o do remetente, apenas dizia, “amanhã às quinze horas (três da tarde) esteja no telefone de rua que fica quase em frente ao restaurante da pracinha”.

Chegou minutos antes, com medo de alguém estar na cabine. Entrou. Às três toca o telefone, atende, uma voz neutra, que podia estar ou não camuflada, foi logo declarando, “vejo que é pontual, isto me convém”, retrucou, convém por quê, a resposta, “tenho uma tarefa, posso dizer insólita, mas é da sua área, vamos ser objetivos, não precisamos de nomes, mas sim de um acordo, a tarefa é para outro estado, você tem entre um e seis meses para executá-la, a retribuição é além do acordado nestes casos.” “Eu? Não sei o que tá pretendendo.” “Sabe, sim.” “Explique melhor.” Pensou recusar, pois levava uma vida tranquila, tinha a mulher com quem se dava bem, dois filhos adolescentes, um querendo estudar engenharia ou informática, a outra não se decidira, casa razoável, uma fazendola onde criava gado leiteiro, estava cansado de ser intermediário, a decisão fora sempre do Outro, que tinha aquilo no sangue: gostava de desafios, gostava do que fazia, gostava do tom misterioso do que fazia, gostava de encontrar depois os órgãos de comunicação, querendo saber quem fizera aquilo e por quê. A proposta que teria

que transmitir era mais que convidativa, receberia uma importância com a qual jamais sonhara, e tinha de um mês até seis meses para cumprir a missão.

A conversa se encerrou, a voz neutra dizendo “jamais voltaremos a nos falar, e eu só quero saber do resultado pelos meios de comunicação”. Ficou implícito que, dali a uma semana, o Outro procuraria em um depósito da rodoviária um pacote, e ali dentro estava não uma parcela, porém todo o pagamento.

Chegou em casa, sentou-se com a mulher, pediu que trouxesse uma cerveja bem geladinha, dois copos, foi direto, avisou que recebera uma proposta de trabalho para uma pesquisa em outra cidade, devia ficar até seis meses, raramente daria notícias, tinha certeza que com ela tudo estaria sob controle, a fazenda bem-cuidada, os filhos encaminhados, ela acompanhara o crescimento dos dois, a educação que lhes fora dada. A mulher relutou, fazia um tempinho que ele não se afastava, aquela vida misteriosa, incompreensível, lhe causava algum susto, porém o marido sempre voltava, e a vida tomava seu rumo normal.

Uma semana depois, levando duas malas, chegou à rodoviária, entrou em um dos banheiros, quando saiu, já era o Outro, depositou uma das malas em um guarda-volumes, pagou o aluguel por sete meses, foi até o bar, tinha ainda cerca de meia hora até tomar o seu destino. Ao chegar à cidade, procurou um hotel médio na periferia, o Outro, com a nova identidade, se inscreveu, declarou que podia ficar uma semana, um mês ou até meio ano, queria

conhecer a cidade, na qual jamais pisara. A recepcionista examinou a ficha, perguntou, “vem de tão longe”, retrucou sucintamente, sim-sim, preciso é tomar um banho, descansar um tanto, depois dar início a meu trabalho de pesquisa.

Não tinha ideia precisa de como começar, a informação fora vaga, “ela tem mais ou menos um metro e setenta de altura, pouco mais de vinte anos, pele morena, cabelos curtos. Devem existir muitas por aí, porém há um sinal identificador, na mão esquerda, bem visível, lhe faltam dois dedos, e tem pequena marca, como se fosse um corte, bem perto do olho direito”.

Nos primeiros dias, pouco se preocupou em encontrar aquela figura fugidia, entre mais de um milhão de pessoas. Não tinha a mais vaga ideia de onde ela morava, o que fazia, nem sequer perguntava o porquê da tarefa, era uma tarefa e pronto.

Durante quase uma quinzena, percorreu ruas, praças, na maioria das vezes a pé, outras, de ônibus, jamais pegou um táxi. Entre outras coisas insólitas, estranhou a secura desumana, sentia-se sufocar, e o fato de que, tanto durante o dia quanto durante a noite, raramente se via uma pessoa circulando, estavam todos, todos, todos, ou nas raras casas ou nos apartamentos, ou dentro de ônibus e carros. Só então se deu conta, precisava de um ponto de partida, precisava circular por bairros, precisava, quem sabe mais fácil, ir a bares e restaurantes, precisava frequentar teatros

e cinemas, precisava ir ao lago, precisava ir a parques, quem sabe um milagre!

Passou o primeiro mês, o segundo, o terceiro, dinheiro não era problema, mesmo que ele ficasse o semestre a que tinha direito, tivesse procurado um hotel melhor, frequentasse restaurantes acima dos medianos, ainda assim o que sobraria era bem mais do que se costumava cobrar para executar uma tarefa semelhante.

Necessidade inexistia, no entanto, para se justificar, seja no hotel, seja quando ficava conhecendo alguém, dizia estar realizando uma pesquisa de mercado. A tarefa não era agradável, mas instigante. Se perguntavam, “tens uns prazo”, só podia responder, prazo-prazo exato não, agora uma data provável sim.

Fazia quase quatro meses que chegara. Estava em um restaurante jantando, em uma mesa próxima seis pessoas, pensou parece-deve ser ela, ainda que tivesse terminado o jantar pediu outra cerveja, precisava ter certeza e em caso positivo acompanhá-la, pois o serviço não tinha como ser executado ali. Estava no segundo copo quando ela se vira, levanta a mão para tocar no rosto do rapaz que tinha ao lado e não lhe faltavam os dois dedos.

Continuou na busca, era um caçador implacável, jamais deixara de cumprir um compromisso. Acontece: devia ser umas dez horas da noite, estava passando em frente a um bar, viu chegar um casal, o rapaz levava a jovem pelo braço, ela pisava lentamente no salto alto, virou-se



para responder uma pergunta, e o Outro viu não os dois dedos faltando, porém o sinal embaixo do olho direito, tinha cerca de um metro e setenta, o corpo bem moldado no *jeans* e na blusa com umas miúdas flores silvestres vermelhas e azuis, cabelo curto, rosto amorenado. Sem titubear, puxou a 38, era exímio atirador, praticava desde a adolescência, o tiro certo atingiu-a em pleno coração, e o Outro já não estava ali.

# Ele

Nem o ventilador de teto, nem o umidificador, mesmo à noite, minimizam a secura, dizia o escrivão, “tirante isto, o plantão corre tranquilo”, respondia o comissário, “até agora, apenas dois BOs, o trote, com o deslocamento de uma viatura, e o atropelamento insólito”. Os dois tinham acabado de ouvir, pelo repórter que cobria o distrito, a notícia do tal atropelamento insólito: “ao chegar a equipe do distrito, a primeira medida foi arrombar a porta do lado do motorista para conseguir retirar o homem”, e o

repórter, depois da chamada “atropelamento insólito” foi logo acrescentando, “o cara teve sorte, a não ser uma luxação no tornozelo e um pequeno corte na mão direita nada mais lhe aconteceu, porém se recusou ao bafômetro, e a dar qualquer indicação, repetindo e repetindo, tenho imunidade, sou deputado federal, precisam me respeitar, não deu seu nome nem o telefone para que avisassem a família, deblaterando por entre bafos que nos entonteciam, que chamassem um táxi, ele ia procurar uma farmácia e tudo bem”. Só no final da matéria é que o repórter explicou o tal de atropelamento insólito: o motorista, que não conseguia se controlar na direção, atropelou uma banca de jornais e revistas, felizmente fechada.

O comissário costumava carregar uma agenda, e sem saber muito bem para quê, ia anotando frases entreouvadas, pensamentos, manchetes, as inexplicáveis falas em celular, e agora anotava na agenda a chamada do repórter, atropelamento insólito, da mesma forma como fazia há pouco, anotara do tabloide semanal editado por Gilson Rebello a seguinte chamada de capa: “A arruda não ajudou o governador, pois ele foi para o xilindró sem ser a fim de visitar o local”. Outra frase, mas em termos que também ele anotou na agenda, do “Correio Braziliense”: “o advogado afirma que foi um exagero dos órgãos de repressão, como se estivéssemos voltando à ditadura, não havia nenhum motivo para que o governante fosse detido, e sem prazo para soltura, já entrei com um *habeas corpus*”. Outra frase, esta dita pelo delegado, “sou da primeira fornada

brasiliense”, jamais dizia, “nasci em Brasília”. Por vezes o comissário se esforçava, sem conseguir retirar da memória um verso de Nelson Cavaquinho que também estava ali grafado “quem quiser fazer por mim, que faça agora”. Mas bastavam poucas palavras para que ele recuperasse o passado, a memória ativada, reconsiderava, se onde estou é a segura, de onde vim é a poluição, também insuportável.

Está saindo da casa dos pais, na Vila Mariana, vai para o quarto distrito policial enfrentar mais um dia, por certo tão desgastante quanto os anteriores, desde pequeno não se decidia por uma profissão, enquanto a irmã dizia e acabava conseguindo ser enfermeira, o outro irmão, engenheiro, acabara indo trabalhar na construção da hidrelétrica de Jirau, telefonava, ora reclamando dos operários, ora reclamando do tratamento quase escravo que eles sofriam, a mãe insistia, “deixa, volta”, e ele, “voltar, onde vou ganhar um quinto do que ganho aqui?”, por fim, atendendo a um pedido da mãe, professora primária aposentada, e do pai, bancário que também relutava com a sugestão, foi estudar Direito, estagiou em um escritório de advocacia, mas em lugar de aprender, era uma espécie de *office boy* de luxo, um advogado dizia, “vai a tal cartório pegar um documento”, outro: “acompanha o nosso cliente até a delegacia”. Não aguentou, porém precisava de um trabalho, não queria viver às custas dos pais, certo dia viu no Estado um aviso, ia haver concurso na Polícia Civil para bacharéis em Direito. Fez sem muito entusiasmo, foi aprovado, trabalhava nos serviços internos, não demorou

e foi promovido a comissário, porém carregava um sobrenome que só lhe trazia problemas, uns diziam, então você é parente daquele figurão do Golpe de 1964, outros, me diga, você é parente daquele torturador, um dos mais cruéis da ditadura militar? Retrucava que o tal torturador era um primo distante do pai, nem ele nem o pai haviam tido qualquer contato com o homem, pouco adiantava, tinha pesadelos, estava acompanhando o primo distante numa sessão de pau de arara, foi preciso chamar um médico que pediu que o homem fosse retirado senão ia morrer, em outro pesadelo, estava acompanhando uma jovem nua, enclausurada em um pequeno espaço com uma minúscula claraboia, e ali, não podendo sentar nem deitar, só com duas garrafas de água, e uma bacia que servia de urinol, quando se abaixava para tomar um gole, tinha dificuldade de novo em se manter de pé. Até na delegacia, quando terminava de interrogar um preso, colegas reclamavam “você nem ergue a voz para conseguir que o homem fale, nunca se lembra do seu parente”. Gostava de morar com os pais naquela casa da Vila Mariana, e se orgulhava de os pais recusarem qualquer oferta, por vantajosa que fosse, um empreiteiro propôs “passo vocês para um belo apartamento, tudo por nossa conta, nesse terreno dá para construir um edifício, quando estiver pronto vocês terão quatro apartamentos, um para vocês, os outros em nome de seus filhos”. A resposta do pai era sempre a mesma: “herdei esta casa, que vem de meus avós, me arrependo de ter vendido um pedaço do terreno com o compromisso

de que seria para uma casa, e vejam o monstrego que tem ao meu lado, depois que minha mulher e eu morrermos, os filhos podem fazer o que desejarem, mas enquanto eu estiver aqui, não existe dinheiro no mundo que me faça desfazer da casa”.

Um dia qualquer, estava de plantão, ouviu uma notícia dizendo que na Capital Federal precisavam de advogados que quisessem trabalhar em delegacias, bastava fazer um teste. Pediu férias da delegacia em São Paulo, não foi difícil conseguir um lugar em Brasília, e lá mesmo oficiou, solicitando afastamento do cargo que ocupava. E agora ali está, porém não mais usa, a não ser em documentos oficiais, o detestado sobrenome, preferia um segundo, Cabral, da mãe.

Olhou para o relógio de pulso, mais uma hora e pouco e seria substituído, seus companheiros de plantão também. Volta a folhear a agenda pessoal, acrescenta, “a secura seca a alma”, ouvida do escrivão. Lê outras frases, “a vida nasceu no mar, a gente somos filhos do mar”, pensa, só fui ver mar aos quinze anos de idade, numa excursão da escola a Santos. A frase abaixo é “filho de peixe, peixinho é”, pensa, mas tem que ser filho de peixe, não de primo distante, percorre outras frases, antigas ou recentes, um trecho ou outro, se deteve em um, gravado não sabia quando, “a vida é um mistério, podemos ou não desvendá-lo ou desvendá-la”, ele necessitava desvendar ou decidir qual vida queria, não podia reclamar do trabalho, se dera bem com os companheiros, o delegado que estava em vésperas

de se aposentar era policial por vocação, ao contrário dele, mas os dois se davam bem, gostavam de música, liam um pouco, o delegado Mendes Vianna conhecia meia dúzia de escritores paulistas, gostava de Lygia Fagundes Telles, lera “Amar, verbo intransitivo”, do Mário de Andrade, mas as leituras preferidas dele eram Ed McBain, e imaginava transformar a delegacia onde trabalhava em uma espécie de 87º Distrito Policial de Nova Iorque, por vezes dizia eu posso bem ser o detetive Carela, que dependia muito da mulher surda-muda, e você o Meyer-Meyer, outro autor de quem conhecia todos os livros era Conan Doyle, e por vezes se imaginava uma espécie de Sherlock Holmes, dependendo não da truculência, mas de um interrogatório inteligente, já ele era vidrado em ficção científica, e insistia para que o delegado conhecesse pelo menos Clifford D. Simak, Arthur C. Clarke, Isaac Asimov ou Bradbury; em política, o delegado insistia para que ele votasse na Marina, retrucou, ainda não sei, talvez nem vote, meu título é de São Paulo, justifico. Foi com surpresa que recebeu o convite, “domingo estou de aniversário, apareça lá em casa, serão poucos, meia dúzia de parentes e dois ou três companheiros de trabalho”. Relutou, acabou aceitando. Foi...

Toca o telefone, toca outra vez, é preciso que o motorista lhe chame a atenção, o que... sim, sim... vou eu mesmo... não deixe que mexam em nada.

O trajeto não levava mais de uns quarenta minutos, porém, naquela hora, com o alarme ligado, chegariam em

menos de vinte. O motorista, boa-praça, não era de muita conversa, e ele, como em um filme que é interrompido e logo retomado, volta ao domingo passado na casa do delegado que morava em um bom apartamento de Águas Claras, um novo bairro, um tanto afastado do centro da Capital Federal. Chegou cedo, já estavam por lá o escrivão e o motorista do delegado, além de uns dez parentes, e meia dúzia de vizinhos. Conheceu a família: a mulher, dona Dulcinha, exímia cozinheira, também doceira, fazia monumentos, um dos bolos lembrava o Palácio do Catete, outro, de coco, era um coqueiro, brincava o marido “em lugar do doce, vou apanhar um coco, gosto muito de água de coco”; o filho mais velho, dono de um escritório de informática; o segundo, ex-mochileiro que percorrera vários países da Europa e sonhava trabalhar em uma companhia de aviação como comissário de bordo, e a filha, professora de História na universidade, observou-a, feia não era, mas como dizem em Lages, tinha a graça de potranca nova, isto é, o encanto da juventude, um corpo bem-feito, um rosto suave, e uma voz macia que chegava até ele, atraindo-o. Durante o almoço ela sentou em frente a ele, conversaram. Havia ainda o parabéns, que só seria bem mais tarde, os convidados se dividiram, uns ficaram na ampla sala, outros na varanda, o comissário Cabral foi ver os apetrechos do rapaz que trabalhava com informática, que não cansava de afirmar “a informática tem um grande futuro, sem sair de casa, eu tenho mais trabalho do que posso atender”. Ele foi sentar na varanda, ao lado do comissário, logo a jovem



estava por ali, puxou conversa, não sabia se prosseguiria fazendo mestrado, queria ter uma vida independente. Cabral só saiu depois do parabéns, e de comer a fatia de um bolo que lembrava o Lago Norte. Na despedida, abraços em Dona Dulce e no delegado, e um aperto de mão demorado da filha, pensou, será, repensou, não não, sem se decidir voltou ao quem sabe. No dia seguinte, na delegacia, um telefonema, era a filha do delegado, com o que lhe pareceu uma desculpa, queria falar com o pai, o mesmo telefonema se repetiu durante dois ou três dias, porém ele ainda não se deci...

Chegam ao bar. O motorista estaciona, ele precisa subir seis degraus, mas antes de pegar o primeiro nota um corpo estendido, e uma pessoa ao lado, não é o gerente do bar, pois às vezes ele parava ali para tomar um chope, é um bar gostoso, o serviço bastante bom, pergunta ao homem ao lado do corpo:

– O senhor quem é?

– Sou médico, tenho um consultório aqui perto, costumo por vezes vir até aqui esperar que esse trânsito melhore.

– Sabe como foi que aconteceu?

– Não sei, ninguém sabe.

– Pode me explicar o que aconteceu antes que eu tome as primeiras providências?

– Eu só notei a jovem estirada, pensei que houvesse tropeçado, veja esse salto alto do sapato, devia ser proibido, levantei, me debrucei, os olhos parados, tentei a pulsação, não percebi, um boca a boca, só então vi o fio de sangue

escorrendo do peito, cobrindo os miúdos botões azuis da blusa, pedi ao gerente que telefonasse para a delegacia, e também solicitei ao Samu que mandasse uma ambulância, deve estar para chegar.

– O senhor então afirma que ela está morta?

– Tenho certeza!

A essa altura o gerente já havia se aproximado, e o comissário perguntou:

– Ela estava acompanhada?

– Ninguém sabe, ninguém viu.

– Como?

– O bar estava lotado, umas trinta pessoas.

– E o tiro? Ninguém ouviu?

– Nesta rua, com a sinaleira, o freia, logo depois o arranca dos carros, o outro bar um pouco mais adiante, com música ao vivo, só um canhão para ser percebido.

– Você acabou de me dizer que tinha cerca de trinta pessoas, vejo umas sete, oito.

– É doutor, não consegui segurá-las, sabe como é, seriam dias de ir à delegacia, de interrogatório, uma chateação.

– Tá bem. Vamos começar com o que temos. Além do doutor, alguém mais mexeu no corpo?

– Ninguém.

O comissário pediu que o gerente o ajudasse, reunindo todos, incluindo os dois cozinheiros, o garçom e a garçonete. Ia começar anotando nomes, endereço, telefone, e-mail. Ali seria um interrogatório preliminar, quem sabe alguém tivesse não percebido o tiro, porém visto quem lá de baixo

atirara, se ela havia chegado sozinha ou com alguém, e de que modo este alguém se evaporara. O médico persistia falando do salto alto, que as jovens de hoje querem ter um metro e oitenta ou mais, a que ali estava deveria ter em torno de um e setenta, e pesar talvez uns cinquenta e cinco quilos, por que então aquele salto para ficar uns centímetros mais alta? O comissário observou-a com susto: lembrava a filha do delegado, bonita, corpo bem modelado no *jeans*, uma blusa leve com as tais florzinhas azuis, cabelos curtos, escuros, morena, olhos azuis. Uma pequena bolsa, presa na mão direita, puxou-a, abriu, nenhum documento, nada que a identificasse.

Chegou a equipe do Samu, o médico confirmou o que havia explicado seu colega: o comissário pediu que dessem uma rápida examinada na roupa, ver se encontravam algo que permitisse mais adiante descobrir onde fora comprada, e isso fosse um modo possível de identificá-la.

# Ninguém

Ninguém. [Do lat. *Nequem.*] *Pron. indef.* 1. Nenhuma pessoa: *Ninguém tinha ânimo para sair; Ainda não chegou ninguém para a reunião.* *S. m.* 2. Indivíduo de pouco ou nenhum valor, merecimento, importância. *V. João-ninguém.*  
Dicionário Aurélio

Ninguém. *pron. indef.* (1268 cf. JM3) 1 nenhuma pessoa. *s. m.* 2 pessoa de pouca ou nenhuma importância ou influência. ETIM lat. vulg. *\*ne-quem*, do lat. *nec* ‘nem,

não' + *quem* ac. sing. masc. do pron. ind. *quis* 'alguém'; a vogal da primeira sílaba nasalizou-se pelo contato com o *n*-e, devido ao novo contexto fonológico, *-engu-* evoluiu para *-ingu-*; f. hist. 1268 *nenguem*, sXIV *nemguê*, sXV *ninguem*, sXV *nêguê*, sXV *nenguem*, sXV *nymgem*.

Dicionário Houaiss

Se eu morresse amanhã de manhã

De que serve viver tantos anos sem amor  
 Se viver é juntar desenganos de amor  
 Se eu morresse amanhã de manhã  
 Não faria falta a ninguém  
 Eu seria um enterro qualquer  
 Sem saudade, sem luto também  
 Ninguém telefona, ninguém  
 Ninguém me procura, ninguém  
 Eu grito e um eco responde: "ninguém!"  
 Se eu morresse amanhã de manhã  
 Minha falta ninguém sentiria  
 Do que eu fui, do que eu fiz  
 Ninguém se lembraria

Antônio Maria

Da TVB, dois dias depois do assassinato:

Outra jovem morta de maneira misteriosa, e da mesma forma que tantas vezes antes, o caso será arquivado. Ouça mais no final deste noticiário.

Dois dias depois, o “Correio Braziliense”, na página policial, trazia curta notícia:

#### Assassinato inexplicável

Está se tornando rotina. Mais outro crime que ninguém sabe explicar, nem ao menos se consegue identificar a jovem morta. O comissário encarregado do caso apenas diz “nada encontramos na bolsinha, nenhuma etiqueta na roupa que ela trajava, apenas, no Instituto Médico Legal, fora atestado que ela fizera uma rápida refeição, e tivera relações sexuais pouco antes de chegar ao bar”. Vamos ver se amanhã ou depois, em lugar desse estranho Ninguém, pois ninguém sabe se ela chegou acompanhada ou não, ninguém ouviu o tiro, a única afirmação que foge do ninguém é o médico que a examinou declarar que quando ela caiu já estava morta.

Tópico na coluna Cidade em Foco, do Jornalista E. C. Vasconcelos, transmitido pela RCF e publicado no JB:

### O comissário Nêguê

Vai para vinte e cinco anos, cubro as delegacias da capital, jamais me deparei com um episódio tão insólito, está completando um mês da morte de uma jovem na porta de um bar. Pois bem, até este momento, a única informação da delegacia, e eu tenho procurado com regularidade o comissário da 20ª DP, e a resposta é sempre a mesma: “até agora ninguém consegue dar uma explicação, pelo menos plausível”. Se procuro o delegado, a resposta é idêntica, acrescida: “você tem que se entender com o comissário encarregado do caso”. Nós aqui do jornal fizemos uma pesquisa paralela, também os resultados foram negativos, porém um tanto melhores do que a que nos fornece o senhor comissário. Em lugar do “ninguém”, prefiro me utilizar do “alguém”, e este alguém não afirma, mas suspeita que a jovem teria chegado acompanhada, no entanto, outro alguém refuta, e diz ter percebido não muito distante da entrada do bar um homem suspeito, seus quarenta anos, bem trajado, que logo após o tiro que ninguém ouviu, desaparece. Será que nem estas informações chegaram à delegacia? Será que vamos ter mais um caso desta maneira nada convincente?

Descordel  
do cantor popular que se apresenta na Rodoviária

ninguém responde  
tudo se esconde

ninguém ouviu  
ninguém sentiu

ninguém ninguém  
quem sabe alguém

ninguém falou  
alguém chorou

ninguém sentiu  
ela partiu

ninguém escuta  
tão triste luta

chora alguém  
por não ter ninguém





# Nós

Nós dedos, não  
Noz-moscada, não  
Nós gente, sim  
Nós desfazer, sim

Sentado na cadeira de palhinha trançada, a resma de papel A4 em branco em cima da mesa, apenas na primeira página preenchendo-a aqueles vários nós, ao lado uma

dezena de esferográficas pretas e azuis, por mais que me esforce só consigo repetir na primeira página a palavra “nós”. Não resisto, levanto, percorro a sala, vou até o quarto, me estiro na cama, quero-preciso relaxar, olho para as telhas, apenas uma rachada lá em cima, em vão fecho os olhos, levanto, me aproximo da janela, além da horta só árvores, com vinte ou mais metros de altura, uma delas tem o tronco rugoso que somente podia ser abarcado por três ou quatro homens de braços abertos, outro dia fui até lá, imaginei cavar-lhe o tronco e ali me enfiar, quem sabe limparia a cuca. Afasto-me da janela, vou ao banheiro, a urina escorre, puxo a descarga, nada de água, volto para a sala, aperto o botão e ouço o motor funcionando, levando água até a caixa no alto da casa, preciso ficar atento, pois ela estará cheia em pouco mais de uma hora. Caminho em direção à cozinha, sinto sede, pego um copo, prefiro a água da moringa sempre fresquinha, só então olhando para o fogão a lenha me dou conta, depois do café preto da manhã, duas bananas e duas fatias de pão de milho nada mais comi, embora não sinta fome, olho pela janelinha, a tarde escorre lenta, três horas talvez, me esforço, mastigo um pão de aipim, uma fatia de mamão, basta, ao voltar para a sala estaco surpreso, um homem está sentado perto da mesinha, dá um boa-tarde com sotaque, não respondo, meio a sério meio brincando diz “se aproxime, sente na cadeira de palhinha, afinal a casa é sua”, confuso obedeço, embora a casa não seja minha. Me esforço, quero lembrar quem é, ou não há o que lembrar? Há, deve haver! O

homem esclarece: “Recebi o material que mandou, num inglês macarrônico, o cara não sabe nem inglês nem português, para mim não foi problema, é só acionar a área certa do cérebro e domino qualquer idioma, li tudo que me mandou em português, tem razão, é um caso complicado, mais que o da Rua Morgue.” Só aí me dei conta, tinha a meu lado Auguste Dupin. Depois de me desculpar por não tê-lo reconhecido de imediato, perguntei:

– Quer tomar um café, um suco de manga, um copo d’água, uma cerveja?

– Obrigado, prefiro dois cálices.

Fui à cozinha, botei os dois cálices em cima da mesa, Dupin já estava com a garrafa de *bourbon* na mão, enquanto enchia um dos cálices perguntou:

– Vai também?

– Não, não, prefiro a nossa cachacinha, vai também?

– Pode ser, falam tanto dela.

– Esta é especial, envelhecida em tonéis de carvalho, veja só a cor.

– Fazemos o seguinte, vai no *bourbon*, eu na cachacinha.

Aceitei. Enquanto ele saboreava a pinga eu engasguei no *bourbon*, mordeu minha garganta, tossi, Dupin riu, com o dedo pediu outra dose, enquanto explicava:

– Hoje bebo de tudo, estou quase viciado devido a minha convivência com o Edgar. Repito, mesmo para mim, um veterano, este é um dos casos mais intrincados com que me defrontei; não queria me dar por vencido, ainda assim pedi a opinião de investigadores amigos: o Sam

Spade, o Nero Wolfe, o Philip Marlowe, o Ellery Queen, o Padre Brown, o Inspetor Maigret...

Interrompi-o, “por que não o Sherlock Holmes”

– Este, jamais, é um plagiador, o método dedutivo é do Edgar e meu, o sacana bota banca, se utiliza do pobre Doutor Watson, e insiste que suas miúdas células cinzentas funcionam melhor graças ao ópio. Antes de entrar no que de fato interessa, preciso explicar a ausência do Edgar, insisti, ele pede desculpas por não ter vindo, o homem anda obcecado, não se cansa de mexer e remexer no Corvo, sem conseguir trocar uma única palavra, embora continue achando que o verso “*quoth the raven, ‘nevermore!’*”, o mais famoso, precisa ter uma palavra alterada, entre uma dose e outra de *bourbon*, repete e repete “a palavra é o núcleo central de tudo, tem som, tem sabor, tem cheiro, tem cor”. Pede ainda que lhe diga, não gosta da tradução do Machado de Assis, do Gondim da Fonseca, nem do Fernando Pessoa, a única que considera razoável é a do Baudelaire; no entanto reconhece que traduzir poesia é mesmo o mais difícil, citando sempre o “*traduttore-traditore*”, poesia, insiste Edgar, não é simplesmente passar para outro idioma o que está no idioma original, é imprescindível recriar; esta conversa nos levaria longe, está tudo em sua “Filosofia da composição”. O tempo escorre, vamos ao que importa. Estou aqui é para ajudar a desfazer os nós, a meu ver a melhor sugestão é a do Nero Wolfe, cuja técnica de interrogatório admiro: vamos reunir nesta sala os principais envolvidos na trama.

Auguste Dupin faz uma pausa como quem se decide.  
Decidiu:

– Sou direto, objetivo, você me mandou tudo que tinha a respeito do caso, nada a seu respeito, explique.

– Explico. Nasci na ilha do Marajó, estudei Agronomia na Universidade Federal do Pará, por incrível que pareça não consegui emprego, justificavam “seu tio era amigo do comunista Dalcídio Jurandir”. Fui tentar Brasília, me inscrevi num concurso do Ibama, não passei, morava em um albergue, arranjei trabalho num supermercado, entregando compras, ganhando umas gorjetas, certo dia vi uma fila dobrando quarteirão, perguntei “o que é?”. A resposta incrédula “É o bolão, quase 40 milhões, não sabia”, resolvi arriscar, fiquei ali mais de uma hora...

– Até aqui não explicou nada.

– Chego lá. Na mesma noite ouço os números em uma rádio, não consigo acreditar, espero até a manhã seguinte, na banca mais próxima olho um jornal. Ganhei.

– Por mais que me esforce continuo sem entender.

– Levei dois meses para ir receber o prêmio, ainda assim não escapei da imprensa, claro que o dono da banca ia se promover muito com a divulgação, antes de perder por completo o controle mandei uns dinheiros para meus pais, mas como dinheiro puxa dinheiro, por mais que gastasse a grana aumentava.

– Seja breve, por favor.

– Comprei um apartamento, contratei o decorador mais caro, lhe dei carta branca, todos acharam lindo, mas

eu me sentia um peixe fora d'água, fui à Caixa Econômica, expliquei que por uns tempos ia dar um giro pelo mundo e os deixaria responsáveis por tudo que dissesse respeito ao apartamento. Andei pelo mundo, de pouco ou nada adiantou, pois qualquer parte do mundo é igual a este canto aqui, onde vim me refugiar, quem sabe a resma de papel me dá respostas; por enquanto nem isso.

– Por enquanto vários pontos permanecem obscuros. Vamos ver como isso se aclara com o interrogatório dos outros.

Dupin foi até o banheiro, ficou alguns minutos, outros tantos na cozinha, percorreu a sala, demorou-se diante de duas gravuras, uma de Goeldi, outra de Carlos Scliar, antes de sentar depositou no canto da mesinha perto da janela o coco da Bahia, repetindo “bom, bom”, perguntei “quer outro?”, sorriu “não, vou noutra cachacinha” “quem sabe prefere uma caipirinha?” “caipirinha?” “é, é, cachaça, limão, açúcar, pedrinha de gelo” “vai estragar a cachaça” e sem interrupção: “esta casa de madeira é um arremedo, não lhe parece, do apartamento?”, antes que tivesse tempo de responder ouvi o ranger da porta se abrindo e, sem conseguir identificá-las, quatro vozes “Boa noite!”, logo uma voz se destaca “com esta floresta encobrendo a casa tanto pode ser boa manhã, bom dia, boa tarde, boa noite, bom amanhecer”; outra voz, a do comissário, indagou “Quem é este?” “É um amigo, puxem cadeira, sentem. Espero que em pouco tempo os nós sejam desfeitos. Foi bom vocês aceitarem, eu estava ficando desesperado,

mandei toda a documentação para alguém que admiro, Auguste Dupin, mas nem ele conseguiu desfazer os nós, teve a consideração de vir até aqui, e agora, com a presença de vocês, vamos ver o que podemos fazer.”

Dupin foi sucinto: “Vou começar pela ordem dos documentos que recebi, com o Tu”.

Um: Vereador

Antes que o Tu pudesse falar, o Um avançou e declarou:

– Não sei o que faço aqui. Estou me prejudicando tanto em meus negócios particulares, minha fazenda, minha família, meus dois filhos, a quem dou uma educação esmerada e ética, quanto em minha campanha para vereador, sou mais do que respeitado na comunidade, e já posso me dar por eleito, mas a comunidade quer mais, que eu seja presidente da Câmara, para ver se consigo limpar os malfeitos e melhorar minha cidade natal, tão próxima a Maceió. Não preciso nem pedir desculpa. Vou embora, vejam se conseguem trazer para essa acareação o esquivo Outro.

Tu: A motocicleta

Dupin não permitiu que eu chamasse de volta aquele cara, já devia ter passado por situações ainda mais esdrúxulas, tocou em meu braço, me acalmando, virou-se para os três restantes e foi dizendo:



– Vamos começar como estava previsto, Tu, em teu depoimento existem alguns claros. Vamos ver como te justificas.

– A adaptação ao Morro do Horácio não foi fácil, principalmente para teu pai, necessitando sair toda madrugada a fim de se juntar aos outros pescadores na Barra da Lagoa, sentindo falta dos papos no bar do Milas, retornando quase de noite, já tua mãe, envolvida nos afazeres da casa, na renda de bilro e no radinho sempre ligado, se adaptou mais rápido, embora sentisse também falta das amigas, no teu caso, foste para uma escola melhor, logo começaste a fazer pequenos serviços lavando carros na oficina Mafra, entregando remédios para uma farmácia ali perto. Sem te dares conta, estavas concluindo o curso secundário, não pretendias ir além, embora teus pais insistissem. O terreno, ao contrário do que dissera o homem, não ficava na rua principal, porém em um beco, embora plano, e com metade do que vocês tinham, ainda assim, não foi difícil erguer a casa num canto, no outro um galinheiro, um quintalzinho para legumes e verduras, havia ainda três árvores frutíferas. Teu sonho era ter uma motocicleta e trabalhar de *motoboy*, onde conseguir recurso? Pois conseguiste. Certa noite, não estavas dormindo ali, mas sentado no tronco, debaixo da pitangueira, conversavas animadamente com Chiquinho, Pacato e Pingo, falavam de tudo e de nada, eles queriam saber como ia a vida de vocês lá no tal Morro do Horácio, e só se despediram quando estava na hora de acordares,

porém antes insistiam em um número, 4 – 1 – 2 – 0. Durante parte do dia o número não te largou, costumavas frequentar uma lanchonete que tinha ao lado uma banca de bicho, raramente jogavas, mas amigos teus disseram que devias fazer uma fezinha, resolveste arriscar, chegaste lá, pediste um sanduíche e um suco de laranja, depois foste até o encarregado da banca do bicho, disseste “quero jogar dez reais no milhar, aqui o número” e mostraste o papelzinho, o homem retrucou “todos os dez? não tens experiência, não é? por que não jogas na dezena, na centena, no milhar, do primeiro ao quinto, invertido, terás mais chance de ganhar” “não-não, quero tudo no milhar” “bem, o dinheiro é teu, onde foi que arranjaste?” “trabalhando. trabalhei na oficina Mafra, que o senhor deve conhecer, e agora trabalho na farmácia.” “Tudo bem.” Só no dia seguinte te lembraste de ir até a banca, seria mesmo verdade o sorriso e as palavras com que o homem te recebeu, “rapaz, por que não me avisaste? Eu teria jogado cinquenta! Ganhaste uma bolada, taqui.” Não querias acreditar, mas saíste dali com aquele bolo, quase trinta mil, que deu para comprar não só uma motocicleta de quinhentas cilindradas, de segunda mão porém em perfeitas condições, um barco usado para teu pai, e uma televisão último modelo, com que tua mãe vinha sonhando havia tanto tempo.

Estavas sentado em frente à casa, chega alguém que morava no alto do morro, te faz uma proposta, dava mais do que o dobro do que valia tua motocicleta, explicando que aquela marca saíra de fabricação e ele era amarrado naquele

modelo. A proposta era tão vantajosa que aceitaste, o cara disse, mas quero levar agora, te pago em dinheiro vivo, isto te pareceu estranho, mesmo com a justificativa, quero fazer um giro até o Rio Grande, vou começar amanhã, minha moto acabou de quebrar, perda total, foi parar num ferrovelho, estranhaste, “mas temos que resolver o problema da papelada”, deixa pra lá, na minha volta, não temos pressa. Meio a contragosto, aceitaste, quatro dias depois, ouviste pelo rádio o assalto a uma joalheria, às três da madrugada, as descrições dos assaltantes eram precárias, apenas um passante dizia serem duas motocicletas, delas não se lembrava, mas vagamente da cara de um dos assaltantes. Susto e pavor te assaltaram. Podia não ser, porém lembrava a cara do cara que te comprara a moto, isso podia te trazer problemas, o morro era barra-pesada, e os que por ali moravam, com razão ou não, todos suspeitos. Já havias conversado com teu pai de teu desejo em dar um giro por alguns estados, por isso foi fácil, no dia seguinte juntaste numa pequena maleta roupas, em uma mochila alguns objetos de uso pessoal, não querias tomar um ônibus para outro estado, tinhas que te precaver, para ir até Biguaçu, desnecessário apresentar qualquer documento, não muito depois conseguiste uma carona com um caminhoneiro até São Paulo, aí então pegaste um ônibus no Terminal Tietê e foste parar na Capital Federal.

Dupin era sempre sucinto:

- Bem, explicou muito sem explicar nada. Explique!
- Medo. Foi medo.

- Medo?
- É. A gente tava começando a se gostar, aquela primeira noite foi muito além do que esperávamos.
- E daí, por que fugiu?
- Sabe como é, pensei foi o namorado ciumento, foi um parente, o que posso fazer aqui...
- Até agora não acrescentou nada.
- Sabe como é doutor eu tinha motivos para sumir, se ficasse iam descobrir de onde eu viera, aquela história do assalto à joalheria, me mandar pra lá acabava ficando numa enrascada bruta.
- Ainda não está muito convincente, mas até prova em contrário, todos são inocentes, vamos ver o que Ela tem a dizer.

Ela: O padrasto

Só já mocinha fiquei sabendo por acaso o real motivo pelo qual meu pai biológico nos deixou. Ao chegar da escola encontrei minha mãe chorando, ela e meu padrasto tinham mais uma vez brigado, ele querendo dinheiro bateu nela. Insisti “não só eu, mas todos os que te querem bem, não conseguimos compreender por que não te separas desse homem”. Mamãe soluçou, “nem eu sei”. Fez uma pausa, tomou minhas mãos e sem me encarar “também tenho minha parte de culpa, me sinto desprotegida sem um homem a meu lado”. Retruquei “mas podias ter alguém bem diferente”. “Podia” e a custo sussurrou “é difícil um

homem aceitar a presença de um fantasma”, notando minha perturbação esclareceu “teu pai era bom e até hoje me arrependo, mas não conseguia me conter, a qualquer momento, até mesmo na cama com ele, em vez de seu nome, brotava o do meu primeiro amor, assassinado pela ditadura”.

É quase certo que ela ainda estaria ao lado da mãe não fosse o padrasto um crápula, de quem ela tinha que fugir, trancar-se no quarto, pois não queria contar para a mãe que ele tentara várias vezes pegá-la à força. Coragem para relatar tudo não tinha, a única opção era fugir, durante algum tempo não dar notícia, esperando que a mãe abrisse os olhos ou ele desaparecesse.

– Me explique quais os motivos de ter abandonado sua mãe nas mãos do “crápula”.

– Sabe, eu cheguei à conclusão que nada – nada podia fazer por ela, se ficasse ia até tornar tudo mais difícil para nós duas, fiquei imaginando que um dia ele podia me agarrar ou arrombar a porta do meu quarto... Achei que a melhor solução era a que tomei.

– Vou acreditar no que me diz, ainda que a explicação não seja inteiramente convincente.

## O outro

Nem bem terminava a frase, a porta se abre e entra um homem. Era da altura do que saíra, mas a semelhança

parava por aí. Este tinha vasta cabeleira, bigode aparado, vestia um terno de passeio, trazia uma arma escondida no bolso interno do paletó, mas que podia ser percebida. Não foi necessário perguntar o que fazia ali:

– Sou um profissional competente, jamais deixei de cumprir um contrato, por mais difícil que fosse, eu estava perdido naquela capital, durante meses, procurei encontrar alguém semelhante às insuficientes descrições que havia recebido, não devem saber, no entanto, tenho vários informantes, todos confiáveis, mas nem sempre me transmitem o suficiente. Lamento, o feito não pode ser desfeito, a jovem era a mais aproximada da descrição que eu recebera.

– Isso não explica o motivo pelo qual sem ter a absoluta certeza atirou.

– Já deixei subentendido, sou um profissional e preciso abater minha caça.

– Qualquer caça? Tinha certeza que era a que procurava.

– Esclareço: carregou um instrumentinho pouco maior do que um dedo mindinho importado dos Estados Unidos, fixei-o na vista e lá estava o sinal perto do olho, ela tinha a altura, o cabelo e a cor do cabelo, o corpo tudo lembrando a descrição que eu recebera.

– Viu os dois dedos? Com o tal aparelhinho poderia ver.

– O tempo se acabava, era pegar ou largar. Peguei. Repito, lamento, o feito não pode ser desfeito.

Ele: Fleury

– E o comissário, o que pode me dizer?

– Já disse: por que em lugar de um Silva, um Souza, um Pereira, ia ter logo o sobrenome Fleury?

– É insuficiente.

– Fomos além, o delegado e eu destacamos dois investigadores, percorremos toda a nossa jurisdição e ninguém soube acrescentar absolutamente nada, qual a decisão nesse caso? Encerrar e enterrar o corpo como indigente. O médico legista nos havia avisado que ela havia ingerido álcool, alguns petiscos e tivera relações sexuais. Em nenhuma das casas noturnas ela havia sido entrevistada.

Final

Não estou morta, não estou morta, não estou, não... tu podes explicar, eu estava entrando, pisei em algo mole, esse salto alto que minha prima pedira que eu não usasse me fez escorregar, desabei ao comprido, foi só... não estou, não, não estou morta, não estou morta...

O urro selvagem ecoa na selva, alerta os passarinhos adormecidos, inquieta os animais que rodeiam a casa, o que foi o que foi o que foi, repete o papagaio curioso, postado em um canto da mesinha, atento a tudo o que ocorre na sala.

Peço a ajuda do comissário, vamos todos ficar aqui nesta sala por um tempo indeterminado, pode ser um dia, uma semana, um mês, um ano ou mais. Jamais perdi um caso, sou implacável, basta perguntar ao Edgar Allan meu companheiro e orientador, não vai ser agora que tenho que me declarar por vencido.

Dupin foi sucinto: é, na verdade jamais encontrei em toda minha carreira de investigador um caso mais difícil. Não consigo desfazer os nós, infelizmente tenho insistido, porém Edgar está trabalhando em um novo livro “O barril de *amontillado*” e se recusa a vir me ajudar, só com a ajuda dele e retomando os interrogatórios talvez venha a descobrir o mandante. Enquanto isso só posso dizer que até prova em contrário:

Não tenho dúvidas, até prova em contrário, por enquanto, o culpado é o Autor.





# Apêndice

Em um incerto instante, da mesma forma como havia surgido, a “turma” componente da trama abriu a porta do casebre e sumiu. Ficamos apenas Dupin e eu, ele, numa frustração total, jamais havia deixado um caso inconcluso, justificou: além de muito difícil eu não tinha a companhia do Edgar Allan. Eu perguntei por que jamais disseste o nome completo. E ele, de um parceiro e amigo íntimo a gente não diz o nome completo. Você, nos originais que me mandou não dá os nomes de nenhum dos componentes

da trama. Os originais não são meus, encontrei-os no apartamento que comprei e resolvi me aproveitar de tua experiência, retruquei. Dupin foi rápido: a trama tem tudo para ter sido calcada em dados reais, mas sem dúvida a estrutura da narrativa tem que ser sua, não me venha com esse artifício. O confinamento havia durado quatro dias, o casebre mal comportava o que chamei de “turma”, mais Dupin e eu, e nenhum novo indício havia surgido, apenas discussões e irritação. Agora, nos culpávamos pelo descuido momentâneo do qual eles se haviam aproveitado para sumir. Dupin pensou por algum tempo até tomar uma decisão: vou ver se consigo convencer Edgar Allan a me acompanhar para nós três tentarmos desfazer o nó que resta, em caso negativo, pedir que pelo menos ele leia tudo que você me mandou, enquanto isto, você vá pesquisando e traga alguns elementos adicionais a respeito da “turma”, e também seus, isto poderá me ajudar. Sem ao menos se despedir, também sumiu.

Resolvi aceitar a sugestão, é sempre importante recorrer às raízes, a *persona* de cada qual sem dúvida poderia trazer alguma contribuição, eu começaria por mim mesmo.

Meu pai descendia de imigrantes libaneses, minha mãe era índia, meu pai jamais soube me explicar de que maneira meu avô acabara se instalando na ilha de Marajó, tomou posse de umas terras, como todos faziam, e “importou” uma patrícia do Líbano, com a qual teve meia dúzia de filhos, mas por ali só permaneceu meu pai, fez um bom pé de meia cuidando de seringais e gado leiteiro. Meu pai

não quis mudar, sabia cuidar da terra, sabia um pouco de árabe, de português e de guarani, somos três irmãos, os dois mais velhos se limitaram ao curso primário e a continuar trabalhando com meu pai, ele percebeu que eu queria continuar estudando, me mandou para Belém, onde cursei a universidade federal, desde o início, tinha certeza, não ia voltar para a ilha de Marajó, no entanto não consegui me estabelecer nem consegui emprego em Belém, tinha espírito aventureiro, percorri como mochileiro alguns estados, até me estabelecer em Brasília. Raramente me comunicava com meus pais, não queria depender deles, então fiz dois concursos para emprego no governo federal, não passei, o resto de minha trajetória já está explicado.



Obras da Editora da UFSC indicadas  
ao Vestibular UFSC

*Ecoss no porão – volume 2*  
Silveira de Souza [2013]

*Homens e algas*  
Othon D'Eça [2009]

*Império caboclo*  
Donaldo Schüler [2006]

*O detetive de Florianópolis*  
Jair Francisco Hamms [2014]

*O fantástico na ilha de Santa Catarina*  
Franklin Cascaes [2016, 2015, 2006]

*O guarda-roupa alemão*  
Lausimar Laus [2011, 2007]

*Últimos sonetos*  
Cruz e Sousa [2014]

Este livro foi editorado com a fonte Gandhi Serif.  
Miolo em papel pólen soft 80 g; capa em cartão supremo  
250 g. Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema  
de impressão offset. Tiragem: 1.000 exemplares.

Na mata virgem o casebre me acolhe. Noite e dia se fundem, eu me confundo. É o breu, escuridão perene. Exagero? Sei não! Sei sim: exagero. Uma difusa luminosidade se infiltra por janelas e frinchas. Dura pouco. Aperto um botão, a luz elétrica agride o ambiente. A selva selvagem me fascina. A selva selvagem me intimida. Pingos de sol custam a aparecer. Estrela e lua inexistem.

